

A DELIMITAÇÃO LÓGICA DO DIZÍVEL NO “TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS” DE LUDWIG WITTGENSTEIN

Gabriel Dombroski Fiatcoski¹

Fátima Raquel Szinwelske²

41

RESUMO: Esta pesquisa teve como problemática, no contexto do “Tractatus Logicus-Philosophicus”, compreender de que modo Ludwig Wittgenstein fundamenta o que pode ser dito com clareza. Para tanto, a primeira parte do artigo refere-se a estrutura da realidade; a segunda parte, descreve a estrutura da linguagem, bem como, a teoria afigurativa que possibilita a afiguração do mundo pela linguagem. Findando o trabalho, almejou-se apresentar a delimitação lógica do dizível e alguns apontamentos a respeito da dimensão mística, a qual se refere ao indizível.

Palavras-chave: “Tractatus Logico-Philosophicus”. Mundo. Linguagem. Afiguração. Dizível.

RÉSUMÉ: Cette recherche avait comme problématique, dans le contexte du “Tractatus Logicus-Philosophicus”, de comprendre comment Ludwig Wittgenstein montre ce que peut dire clairement. Car, la première partie de l'article se réfère la structure de la réalité; la seconde partie, décrit la théorie afigurative qui possibilite l'apparence du monde através du langage. En terminant le travail, a imploré em présentant la délimitation logique de disable quelques notes a respect de la dimension mystique dans lequel se réfère au indisable.

Mosts-clés: “Tractatus Logicus-Philosophicus”. Monde. Langage. Afiguration. Dire.

¹ Discente do segundo ano do curso de filosofia da Faculdade Vicentina (FAVI), Curitiba. Contato: (gabrieldombroski98@gmail.com).

² Graduada em Psicologia pela UFPR (2010); Especialista em Psicologia do Trânsito pelo CFP (2014); Especialista em Psicologia Clínica pelo ITCR (2016); Mestre em Psicologia pela UFPR (2012). Professora da Faculdade Vicentina.

INTRODUÇÃO

No século XX, acontece a “Virada Linguística”³, tendo a partir de então a linguagem como tema central das discussões filosóficas. Os debates em torno dessa temática estruturam-se em quatro propostas filosóficas diferentes: sintaxe, semântica, pragmática e hermenêutica. De modo geral, os filósofos das duas primeiras propostas filosóficas são considerados analíticos, e os das duas últimas continentais. Os pensadores que integram os estudos da sintaxe objetivam encontrar a verdade na linguagem por meio de uma análise lógica. Nesse grupo, encontra-se Gottlob Frege, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein. Os dois primeiros são responsáveis em grande medida pela convergência entre a matemática e a lógica, resultando no surgimento das funções representacionais.

Segundo Ferreira (2016, p. 8), o papel da função proposicional de Frege e Russell se aproxima da noção de Wittgenstein em relação ao papel da variável proposicional. Isso demonstra que Wittgenstein, em certa medida, desenvolve sua teoria a partir da influência que recebeu dos filósofos já citados⁴. Porém, ressalta-se que essa influência não implica na determinação de que ele seguiu estritamente o que seus antecedentes teorizaram.

Ludwig Wittgenstein é inegavelmente um dos principais filósofos do século XX. Suas produções teóricas o colocam entre dois sistemas filosóficos: a sintaxe e a pragmática. Este artigo enfatiza a sua primeira fase, a sintaxe, a qual possui como principal obra o “Tractatus Logico-Philosophicus”⁵. Essa obra, como evidencia Santos (2010, p. 59), demonstra a perspicácia, o estilo lacônico e a sua notação elíptica.

³ Até o século XIX a filosofia da consciência predominou nas discussões filosóficas, na qual a linguagem atuava como coadjuvante. Porém, a partir do século XX, nasce a filosofia da linguagem, a partir da qual, há uma preocupação em desenvolver métodos para analisar os discursos vigentes.

⁴ No prefácio do “Tractatus”, Wittgenstein (1968, p. 53) agradece aos que lhe influenciaram na produção da respectiva obra, sendo eles: Gottlob Frege e Bertrand Russell. Essa influência acontece quando Wittgenstein lê “Principles of Mathematics” de Russell e acaba se interessando por filosofia da matemática, então procura o autor da obra o qual recomenda-o estudar com Frege.

⁵ Está é a única obra de Ludwig Wittgenstein publicada em vida, em 1921. A qual também foi utilizada como tese para obtenção de seu doutorado. A sua escrita é em forma de aforismos.

Wittgenstein considera, assim, como a maior parte dos filósofos analíticos, que o grande problema filosófico⁶ é a não utilização correta dos termos. Segundo ele os problemas podem ser resolvidos a partir da compreensão da linguagem e de sua análise, evitando, com isso, utilizar os termos de modo equivocadamente, tendo em vista os limites da linguagem.

Desse modo, pretende-se evidenciar os limites da linguagem, demonstrando inicialmente, a proposta ontológica tractariana, sabendo que a linguagem e a ontologia possuem uma forma lógica comum, sendo isso o que permite a figuração. Por fim, objetiva-se discorrer a respeito daquilo que é dizível e do que só pode ser mostrado.

1. A ESTRUTURA DO MUNDO

Segundo Stegmüller (2012, p. 375), as duas primeiras proposições do “Tractatus” buscam responder a ontologia da teoria afigurativa da realidade. Quer dizer, Wittgenstein discorre a respeito de sua compreensão acerca dos quatro elementos estruturantes da realidade, sendo eles: mundo, fatos, estados de coisas e objetos. Vale destacar que, de acordo com Child (2013, p. 63), essa presença e o papel da natureza da realidade no início do “Tractatus” é controversa⁷.

Inicialmente, destacam-se os primeiros aforismos do “Tractatus” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 135):

1 - O mundo é tudo que é o caso. 1.1 - O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. [...] 1.13 - Os fatos no espaço lógico são o mundo. [...] 2 - O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas. [...] 2.1 - O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas).

⁶ Wittgenstein considera que os problemas filosóficos são na realidade pseudoproblemas. Não existem problemas na filosofia, o que existe é o mal uso da linguagem provocando o que de modo geral acredita-se serem os problemas.

⁷ Há três interpretações a respeito da ontologia e da linguagem no “Tractatus”, sendo elas: realista, idealista e deflacionista. A primeira defende que a linguagem é definida de acordo com a estrutura da realidade; a segunda, que a estrutura do mundo é determinada pela estrutura da linguagem; por fim, a terceira, essa considera que as duas possuem uma forma comum, as quais não se determinam (CHILD, 2013, p. 64 - 65).

Na tradução feita por Giannotti (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55), está presente a inferência de que: “o mundo é tudo que ocorre”; entretanto, na tradução de Santos (WITTGENSTEIN, 2010, p. 135) há uma diferença: “o mundo é tudo o que é o caso”. Diante disso, pode-se afirmar que o mundo é tudo que ocorre ou tudo que é o caso⁸.

Nas sentenças inscritas no início do “Tractatus”, Wittgenstein (2010, p. 135) infere que o mundo é o que é o caso e ainda que o mundo é a totalidade dos fatos; os fatos no espaço lógico são o mundo. Fatos, como compreenderemos melhor a seguir, podem ser representados pela linguagem. Desse modo, fatos e casos, uma vez que são as mesmas coisas, aparecem como noções equivalentes, bem como, ao que ocorre, como salientado anteriormente.

Destaca-se uma inferência de Barroso (2014, p. 219), segundo ele, percebe-se que o mundo para Wittgenstein não é composto por casos que são necessários⁹. Tudo o que ocorre no mundo pode vir a não ocorrer mais. O mundo é o que está ocorrendo no respectivo tempo e espaço, ele é “evanescente”¹⁰. Por fim, o mundo é o caso, o qual refere-se à situação, na medida em que o caso é a efetivação de uma possibilidade lógica dentre outras possibilidades existentes.

Através da leitura e interpretação realizada por Stegmüller (2002, p. 409), apresenta-se que a ontologia tractariana apresenta duas categorias diferentes: fatos e coisas. Isso visualiza-se melhor por meio do aforismo “1.1” já citado. A diferença entre as respectivas categorias se torna mais compreensível a partir do que apresenta Zubem (2018, p. 22), “[...] a primeira analisável e a segunda não. A primeira física e a segunda metafísica”.

O “Tractatus” não admite que o fato seja resultado de um outro fato. Os fatos são independentes entre si¹¹. Nesse sentido, Wittgenstein se assemelha a

⁸ Neste artigo poder-se-á utilizar as duas expressões dependendo das circunstâncias.

⁹ Poder-se-ia problematizar apontando os casos da matemática e da lógica, porém, no aforismo 6.13 e 6.21 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 261-263), Wittgenstein afirma que as proposições matemáticas e lógicas não referem-se à algo que existe no mundo.

¹⁰ “[...] o mundo é evanescente, ou seja, não é o mesmo mundo que muda constantemente, e sim incontáveis mundos que se sucedem em intervalos de tempo infinitamente pequeno” (BARROSO, 2014, p. 219).

¹¹ Pode-se observar isso também nos aforismos: “2.061 e 2.062” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 141).

David Hume¹² para provar sua ideia contrária a dependência dos fatos, sabendo que Wittgenstein defende essa sua concepção no aforismo 6.37¹³.

O mundo não é a totalidade das coisas ou uma coleção de objetos. O mundo é complexo; não pode ser composto apenas por coisas simples e individuais. Ele é a totalidade dos fatos, o qual é composto por estados de coisas existentes, ou então, composto por estados de coisas subsistentes¹⁴.

Todavia, Stenius (citado por Oliveira 2006, p. 98) afirma que: “o estado de coisas, se refere unicamente ao conteúdo descritivo das frases, enquanto, fato, se refere a sua realidade”. Sobre a mesma questão Stegmüller (2012, p. 377) infere: “O fato diz respeito ao que realmente ocorre, enquanto que o estado de coisas representa algo que possivelmente pode ocorrer”.

Stegmüller (2012, p. 377) aponta que existem estados de coisas subsistente e estados de coisas não subsistente. A primeira, sendo uma proposição verdadeira é denominada como fato; a segunda, ao contrário, não é denominada como fato. De forma respectiva, uma pode ser entendida como um fato potencial, enquanto que a outra como um fato efetivo.

Os estados de coisas existentes são denominados como fatos positivos, quando não existem são fatos negativos (2.06). Porém, assim como salienta Barroso (2014, p. 225), “O termo ‘inexistência’ aplica-se a estados de coisas, mas, por extensão, está vinculado a um fato negativo. [...] um fato negativo continua sendo um fato, e por definição, é algo que é o caso”. A partir dessa citação observa-se que um estado de coisa inexistente refere-se a algo que ocorre. Isso demonstra uma aparente contradição na medida em que se problematiza a respeito de como algo inexistente refere-se a algo existente. Entretanto, essa

¹² Wittgenstein assim como David Hume, é contrário a concepção de causalidade. Entretanto, é necessário deixar claro que Wittgenstein não faz referência direta a Hume. Quando afirma-se a influência de Wittgenstein em relação a Hume, quer-se demonstrar que essa concepção foi desenvolvida por Hume, e que portanto, possivelmente Wittgenstein se utilizou dela a partir de Hume.

¹³ “Não há obrigação para algo acontecer depois de alguma coisa ter acontecido. Não há necessidade que não seja lógica” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 125, 6.37).

¹⁴ Na tradução feita por Santos (WITTGENSTEIN, 2010, p. 141), o aforismo 2.04 diz: “A totalidade dos estados de coisas existentes é o mundo”. Diferente do já citado, a tradução de Giannotti (WITTGENSTEIN, 1968, p. 58) sobre o mesmo aforismo apresenta: “A totalidade dos subsistentes estados de coisas é o mundo”. Para Santos os estados de coisas existentes são fatos positivos e a inexistência de estados de coisas são fatos negativos. Para Giannotti, os estados de coisas subsistentes são fatos positivos e os estados de coisas não subsistentes são fatos negativos.

concepção do professor Barroso é exposta apenas para demonstrar que não há consenso entre os interpretes da obra tractariana.

Tal evidência justifica a afirmação wittgensteiniana (1968, p. 58, 2.04): “A totalidade dos subsistentes estados de coisas é o mundo”, é justamente a concepção que o mundo é composto pela totalidade dos fatos, os quais são estados de coisas existentes no respectivo tempo e espaço. Ou seja, não se refere aos estados de coisas que existiram e que existirão.

Assim como os fatos, há independência entre os estados de coisas, utilizando um termo da teoria David Hume, não existe causalidade entre eles. Percebe-se a veracidade dessa afirmação a partir de dois aforismos (WITTGENSTEIN, 2010, p.140): “2.061 Os estados de coisas são independentes uns dos outros.” e “2.062 Da existência ou da não existência de um estado de coisas é impossível inferir a existência ou a não existência de outro”.

A partir da leitura de Grayling (2002, p. 53), se compreende que Wittgenstein define “estados de coisas” de forma abstrata como: “[...] combinação de objetos, querendo dizer com isso que um estado de coisas é tal que se pode decompô-lo (analisá-lo) em partes componentes”. Dessa maneira descobre-se a partir da análise dos estados de coisas quais são os objetos ou coisas que o compõem (2.01).

Tendo em vista que o estado de coisas é o resultado da concatenação de objetos “coisas” (2.03); deve-se levar em conta que a organização dos objetos determina a estrutura dos estados de coisas. Ademais, os objetos¹⁵ fazem parte da categoria das coisas.

Os objetos ligam-se uns aos outros de acordo com as propriedades internas de cada objeto. A configuração deles depende da natureza ontológica, por isso os objetos possuem em si a possibilidade de se tornarem estados de coisas. Isto posto, apreende-se o significado do aforismo 2.0124 (WITTEGENSTEIN, 1968 p. 56): “Ao serem dados todos os objetos, dão-se também todos os possíveis estados de coisas”. Destarte, verifica-se que os objetos são átomos ontológicos e lógicos do mundo.

¹⁵ Em Oliveira (2006, p. 99), afirma-se: “Assim, as coisas só podem ser conhecidas enquanto elementos de fatos (2.0121; 2.013; 2.0131)”.

Portanto, os (objetos simples) ^{16 17} não podem ser decompostos. Pois, Wittgenstein, no aforismo 2.021 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 139), expõem: “Objetos constituem a substância do mundo”. Eles não possuem estruturas, são os elementos primitivos com os quais o mundo é constituído. No aforismo 2.027 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 141), o objeto é comparado à: “O fixo, o subsistente e o objeto são um só”. Diante disso, conclui-se que o objeto é simples e por isso necessário, e que ele não existe de maneira isolada, mas passa a existir em estados de coisas. Se confirma a ideia de subsistência dos objetos através do aforismo 2.012¹⁸. Vale enfatizar que o mundo não é a totalidade dos objetos, das coisas, justamente porque eles não existem sozinhos, ou seja, subsistem, e portanto, não podem ser o mundo, pois combinados formam os estados de coisas os quais são possibilidades lógicas de se tornarem fato.

Child (2013, p. 64) discorre que os objetos são comuns a todos os mundos possíveis, sejam eles imagináveis ou descritíveis. Por conseguinte, os objetos possuem determinadas características as quais lhes possibilitam serem configurados de diferentes formas:

É óbvio que um mundo imaginado, seja o quão diferente ele possa ser do mundo real, deve ter alguma coisa – uma forma – em comum com ele. Objetos são justamente o que constitui essa forma inalterável. [...] Objetos são o que é inalterável e subsistente; a sua configuração é o que é mutável e instável (WITTGENSTEIN, 2010, p. 139 - 141)

Para resolver a problemática da relação entre o mundo possível e o mundo real, Wittgenstein insere o conceito de espaço lógico. Assim como os objetos possuem como forma a possibilidade de fazer parte de determinados estados de coisas, o mundo possível é uma possibilidade inserido dentro dos mundos imagináveis. Tanto os mundos possíveis, assim como o mundo real sendo esse efetivação de uma possibilidade, estão dentro do espaço lógico.

¹⁶ Há três interpretações em relação à como o objeto se apresenta no “Tractatus”: idealista, realista e deflacionária (CHILD, 2013, p. 70). Essa interpretação é também feita a respeito da ontologia presente no início do “Tractatus” como já foi explicado no início do artigo.

¹⁷ “Wittgenstein não defende claramente que os objetos são dados-sensórios, nem que eles são partículas físicas” (CHILD, 2013, p. 67).

¹⁸ “[...] Se posso pensar no objeto na liga do estado de coisas, não posso pensar nele fora da possibilidade dessa liga” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 137).

Os fatos existem de acordo com as possibilidades lógicas. Eles são compostos por estados de coisas, sendo estes constituídos por uma combinação de objetos. Para compreender o mundo, o qual é a totalidade dos fatos, é necessário analisar corretamente como ocorre as relações entre a estrutura da linguagem e a estrutura do mundo.

2. A ESTRUTURA DA LINGUAGEM E O PENSAMENTO

A temática central desta parte do artigo, refere-se a questão da relação entre linguagem, pensamento e mundo. A problemática está em tentar compreender como a linguagem expressa o que existe no mundo. Wittgenstein busca resolver esta questão da teoria da correspondência por meio da teoria figurativa.¹⁹ A figuração, de modo geral, ocorre a partir da atividade mental, tendo como objeto o mundo, a partir disso, expressa-se o pensamento a respeito do mundo por meio da linguagem.

O mundo e a linguagem devem possuir em comum a mesma forma lógica, na medida em que um fato pode ser figurado. A forma lógica que possibilita a figuração²⁰ é uma forma lógica afigurativa. Quer dizer, a linguagem figura o mundo. O processo da afiguração, de acordo com Oliveira (2006, p. 102), foi interpretado como uma relação isomórfica²¹, ou seja, é uma igualdade de forma lógica. Essa relação depende da identidade estrutural (forma lógica) comum. Sendo necessário, como já afirmado, que a estrutura dos fatos do mundo corresponda a estrutura do pensamento/ linguagem, sendo com isso, compreendida como uma relação biunívoca.

A partir do aforismo 2.201 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 145) juntamente com o 2.21 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 147), pode-se inferir que a figuração do figurado, sendo o que é figurado um estado de coisas possível, pode ser verdadeira ou falsa. A figuração isomórfica é uma figuração verdadeira, pois

¹⁹ Nesse caso, Wittgenstein, de acordo com Oliveira (2006, p. 101), recebe grande influência do pensamento de Russell.

²⁰ A correspondência entre a linguagem e o mundo é compreendida por Wittgenstein como uma figuração. Essa compreensão também é fruto da influência de Bertrand Russell (OLIVEIRA, 2006, p. 101).

²¹ Oliveira destaca os que interpretam como uma relação isomórfica: Stgmuller, Kutschera e Wuchterl (2006, p. 102).

nesse caso há uma relação identitária categorial e de estrutura externa. Isso revela a necessidade da identidade interna e externa em termos estruturais. Portanto, deve haver uma correspondência entre proposição e fato da maneira como salientado (OLIVEIRA, 2006, p. 104).

Ao contrário, as proposições falsas não representam um fato, mas apenas um estado de coisas possível não existente, pois a figuração não possui, nesse caso, identidade interna e externa entre proposição e fato, ou seja, isomorfia. Apesar de se pensar errado, há uma figuração, pois houve pensamento, porém é uma figuração falsa. Ademais, a veracidade ou falsidade de uma figuração não enxerga-se tão somente pela própria figuração. Faz-se necessário, por conseguinte, comparar a identidade da estrutura da linguagem com a estrutura da ontologia existente. Com isso, o que diferencia a verdade e a falsidade é a estrutura externa.

Tudo que é possível dentro do espaço lógico, pode-se afigurar, portanto, a figuração pode representar todos os estados de coisas possíveis, sejam eles existentes ou não. Sendo a sua existência ou inexistência o que determinará a sua veracidade ou falsidade.

O aforismo 2.225 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 147) sustenta que: “Uma figuração verdadeira a priori não existe”. Com isso recorda-se o aspecto contingente do mundo, sendo que a linguagem não figura coisas necessárias, mas contingenciais. Ela não pode ter uma veracidade necessária, sendo que representa coisas que não são fixas.

A tese número 3 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 147) é a seguinte: “A figuração lógica dos fatos é o pensamento”. Essa proposição segue a ideia exposta no parágrafo anterior, porém, acrescenta o aspecto teórico esclarecendo que somente o que é possível dentro do espaço lógico é o que pode ser pensado. Não pode-se pensar o impensável, o impensável é o ilógico. Desse modo, o impensável não pode ser afigurado. No aforismo 3.01 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 147), está presente a afirmação: “A totalidade dos pensamentos verdadeiros são uma afiguração do mundo”. Diante dos dois aforismos presentes nesse parágrafo, compreende-se que as figurações verdadeiras correspondem aos pensamentos verdadeiros. Ainda, na tese número 4 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 165), afirma-se que: “O pensamento é a proposição com sentido”. Sendo que a proposição possui sentido para Wittgenstein, na medida em que ela pode ser verdadeira ou falsa. A proposição tem sentido quando descreve um estado de coisas, sendo isso apresentado também como o pensamento.

Em Child (2013, p. 43) considera-se três características da afiguração nas proposições. A primeira, os elementos simples das proposições correspondem aos elementos simples da ontologia²²; segundo, a organização dos nomes corresponde a organização dos objetos; por fim, a terceira, a proposição só representa situações possíveis.

Na língua alemã o aforismo 4.01 está escrito (WITTGENSTEIN, 2010, p. 164): “Der Satz ist ein Bild der Wirklichkeit. [...]”. A tradução para o português de acordo com a referência anterior significa: “A proposição é uma afiguração da realidade. [...]”. Entretanto, assim como salienta Child (2013, p. 41), a palavra “Bild” é traduzida para o inglês como “Picture” o que segundo o respectivo autor é uma tradução mais feliz. “Picture”, por conseguinte diz respeito a “imagem” à “retrato”. Portanto, segundo Child (2013, p. 43), o mesmo aforismo 4.01, seria considerado da seguinte forma: “Uma proposição é uma imagem da realidade²³⁻²⁴. [...]”. Entretanto, Oliveira (2006, p. 101) defende que a tradução da proposição como imagem é uma palavra perigosa²⁵, preferindo, portanto, ao invés da teoria pictórica, a teoria da figuração.

2.1 A LINGUAGEM É A TOTALIDADE DE PROPOSIÇÕES

A linguagem é a totalidade de proposições. As proposições são sentenças declarativas, e a menor unidade linguística. As proposições se dividem em complexas e elementares. As proposições elementares, por sua vez, são mais simples. Elas referem-se a um estado de coisa existente. Sua composição é um encadeamento de nomes, relacionados de forma imediata. Os nomes são simples, e portanto, caracterizam-se como sinais primitivos da linguagem. De

²² “A significatividade de um nome consiste no seu estar por um objeto [...] um nome que não está por nenhum objeto não tem nenhum significado. Visão que Wittgenstein partilhava com Russell” (CHILD, 2013 p. 44).

²³ Wittgenstein por Child: “Wittgenstein disse que a ideia de que uma proposição é uma imagem da realidade lhe ocorreu quando lia uma reportagem jornalística de um processo judicial de Paris, concernente a um acidente de trânsito. O acidente era representado por meio de carros de modelo, bonecos e assim por diante” (CHILD, 2013, p. 48).

²⁴ As proposições como imagens da realidade correspondem as proposições elementares, as quais serão abordadas na sequência.

²⁵ “Não podemos entender isso no sentido de uma reprodução sensível, uma semelhança na configuração sensível, uma cópia no sentido de uma fotocópia” (OLIVEIRA, 2006, p. 101).

acordo com o aforismo 4.23 (WITTGENSTEIN, 1968, p. 82): “O nome só aparece na proposição em conexão com proposições elementares²⁶”.

Os signos representacionais, ou seja, as proposições, são constituídas por nomes, como já observamos. Porém, Wittgenstein em outros dois aforismos revela duas outras nomenclaturas para os elementos constituintes das proposições. No aforismo 3.201 (WITTGENSTEIN, 1968, p. 63) está presente a ideia de que esses elementos são os: “signos simples”; e no aforismo 3.14 (WITTGENSTEIN, 1968, p. 62) os elementos são as: “palavras”.

Ascombe (citado por Oliveira 2006, p. 108 -109) apresenta cinco características para as proposições elementares. A primeira característica é a independência; a segunda, elas são positivas; terceira, há apenas uma possibilidade para cada proposição elementar: ser verdadeira ou falsa; quarta, se uma proposição elementar é falsa, significa a inexistência do estado de coisas; quinto, elas são conexões de nomes.

As proposições complexas são o resultado de frases elementares constituídas a partir da conexão lógica. As constantes lógicas não são nomes que correspondem aos objetos. Eles são conectivos lógicos, os quais compreendem-se como aqueles que combinam as proposições. Apresenta-se alguns exemplos de conectivos lógicos: não, e, ou, então.

A realidade figurada pela proposição é resultado da efetivação de estados de coisas possíveis. Nos estados de coisas os objetos são combinados de determinadas maneiras, cuja combinação é mutável e instável; os objetos combinados determinam a estrutura dos estados de coisas. No caso do pensamento, as proposições são determinadas pelas relações entre as palavras; porém, o signo proposicional não é simplesmente uma mistura de palavras, como afirma o aforismo 3.141 (WITTGENSTEIN, 1968, p. 62). As proposições dividem-se, como já descrito, em complexas e simples. Desse modo, é necessário compreender quais são as proposições que possuem sentido para Wittgenstein; e ademais, perceber os limites do dizível, restando para além o indizível, ou como alguns afirmam: o místico.

²⁶ Assim como afirma Oliveira (2006, p. 97), Wittgenstein parte da concepção da prioridade da frase desenvolvida por Frege na sua teoria dos predicados. O nome só possui sentido na frase.

3. A LIMITAÇÃO DA LINGUAGEM

A relação isomórfica é a igualdade de estrutura entre mundo e linguagem. Tudo o que não existe no mundo, não possui estrutura lógica, e portanto, não pode ser figurado. O que delimita a linguagem é o que existe no mundo, o que não compõe a ontologia não deve ser dito pela linguagem²⁷, é o que chama-se de indizível, o lugar do silêncio, ou ainda, o inefável.

Wittgenstein analisa a linguagem criticamente e percebe que grande parte dos problemas é resultado da não compreensão lógica da linguagem. A partir disso, ele desenvolve sua teoria acerca do que pode ser dito com sentido. É possível observar as semelhanças com a teoria kantiana no que tange os limites. Wittgenstein estabelece os limites do que pode ser dito, enquanto que Kant, estabelece limite naquilo que pode ser conhecido²⁸.

De acordo com Brígido e Valle (2018, p. 173), por influência kantiana ou neokantiana, pode-se observar na filosofia tractariana duas formas de pensar o “eu”. O “eu” psicológico, também considerado como empírico, e o “eu” filosófico, que pode ser compreendido como metafísico²⁹. A partir dessa distinção facilita a compreensão da diferença dos termos “dizer e mostrar”, os quais são pertinentes para o entendimento da delimitação da linguagem no “Tractatus”. O “eu” empírico pode “dizer”, estando ele relacionado ao mundo dos fatos; enquanto que, o “eu” metafísico, por não estar relacionado aos fatos, resta a ele “mostrar”³⁰.

²⁷ Em uma carta a Russell, Wittgenstein afirma que o principal objetivo da obra: “É a teoria do que pode ser expresso por proposições – isto é, pela linguagem, e do que não pode ser expresso por proposições” (CHILD, p. 76).

²⁸ Entretanto, é necessário deixar claro que essa comparação se estabelece para fins didáticos, sendo também fundamental ter em mente que cada filósofo estabelece os determinados limites em campos teóricos diferentes, Wittgenstein na linguagem e Kant no conhecimento. Wittgenstein infere que podemos “dizer” somente a respeito dos fatos efetivos, o qual, portanto, delimita o dizível. O que há para além do dizível só pode ser “mostrado”. Para Kant, só pode-se conhecer os fenômenos do mundo, sendo o que está para além do mundo, ou seja, a coisa-em-si, incognível.

²⁹ O “eu metafísico” é defendido como sendo onde o gênio reside (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 86).

³⁰ “[...] o horizonte do mostrar é o locus onde reside aquilo que possui maior valor para Wittgenstein e do qual o gênio faz parte, uma vez que lida com questões mais elevadas e, portanto, indizíveis por meio da linguagem rigorosa e com sentido do “Tractatus” (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 79).

No aforismo “4.11 (WITTGENSTEIN, p. 177, 1993) se lê: “A totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais”. Quer dizer, somente pode ser dito claro e significativamente a partir das proposições científicas, as quais representam fatos da realidade, sejam eles atuais ou que ainda podem ocorrer³¹. Restando para a arte o papel de mostrar o que há para além do mundo factual.

De acordo com Child (2013 p. 77), três temas ultrapassam o limite do dizível: “as propriedades lógicas da linguagem e do mundo”, “ética e estética, o sentido da vida e o místico” e a “filosofia”. O primeiro diz respeito a forma lógica, a qual não pode ser representada pela proposição, sendo necessário para tal, sair “fora do mundo”. A proposição pode apenas mostrar a forma lógica da realidade. O segundo também é fonte de limitação para o que se pode dizer, tendo em vista que essas coisas não existem no mundo, e se por acaso elas existem estão fora do mundo. Por isso, não pode haver proposições sobre ética, estética e valor. O terceiro, a partir do aforismo 4.003 (WITTGENSTEIN, p. 165, 1993) fica mais evidente: “A maioria das proposições e questões que se formulam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos [...]”.

As proposições filosóficas não são todas elas falsas, mas sem sentido: “[...] mal formuladas em virtude da falta de conhecimento da lógica que serve de suporte para a linguagem, ou seja, da estrutura que sustenta a linguagem “por dentro” (BRÍGIDO; VALLE, p. 94/95, 2018). A estrutura “por dentro” pode ser exemplificada pela lógica simbólica. Sendo que a estrutura externa da linguagem confunde, em decorrência das ambiguidades, pois, apresenta somente a aparência, por isso, é a estrutura interna que determina o sentido de uma proposição.

No aforismo 4.112 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 177), está presente a seguinte afirmação: “[...] A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações”. Com isso, afirma-se que o papel da filosofia enquanto existência no mundo, através do homem, é de acordo com o aforismo 4.114 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 179), delimitar o que pode ou não ser pensado, na medida em que implica a determinação em relação ao dizer. O que não pode ser dito é limitado pela compreensão do que pode ser dito.

³¹ Resgatando um termo da ontologia tractariana, infere-se que as proposições científicas, representam estados de coisas possíveis.

Wittgenstein (1993, p. 133) no prefácio do “Tractatus” reconhece que resolveu todos problemas possíveis de serem resolvidos³², sendo seu conteúdo intocável e definitivo. Entretanto, ao confrontar essa sua concepção com o aforismo 6.54 (WITTGENSTEIN, p. 281, 1993), no qual afirma que suas proposições são absurdas, parece que há um paradoxo. Levando em consideração que as proposições do “Tractatus” são absurdas³³, por conseguinte, elas são *sem sentido*.

Segundo Marguti Pinto (citado por Brígido e Valle, 2018, p. 102), a questão do reconhecimento de Wittgenstein de que suas proposições eram absurdas, isso se caracteriza como sendo uma autofagia. Quer dizer, é uma atitude autodestrutível. Sendo que, Wittgenstein tenciona sua obra, a qual dentro do que afirma a tese da própria é inconcebível de se fazer, pois está fora do limite do possível.

Wittgenstein soluciona de certo modo o paradoxo citado e a sua “autofagia” a partir de uma metáfora. No penúltimo aforismo 6.54 (WITTGENSTEIN, 2010, p. 281), é apresentado a “metáfora da escada”, pela qual Wittgenstein afirma que após terem “escalado” pelas proposições (degraus), compreendendo a sua falta de sentido, resta “jogar a escada”. Depois disso, terá capacidade para ver o mundo de forma correta. Portanto, o “Tractatus” é um meio pelo qual se chega a verdade, e não a verdade em si.

Depois de compreender em partes como se estrutura a teoria a respeito da limitação do dizível, insere-se o que Wittgenstein escreveu no aforismo 6.52: “Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham

³² Para Wittgenstein o que se julgava serem problemas na verdade eram pseudoproblemas, por isso, a necessidade da limitação do dizível para evita-los. Os temas discutidos ao longo da história filosófica como: religião, verdade, belo e bom; produzem os tais pseudoproblemas, sabendo que esses temas ultrapassam aquilo que é possível de ser dito. Outrossim, salienta-se que no final do prefácio do “Tractatus”, escrito pelo próprio Wittgenstein, ele evidência: “E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 133). Demonstrando, com isso, que a resolução dos pseudoproblemas não é muito importante tendo em vista não serem problemas de verdade.

³³ “Alguns especialistas responderam a essa tensão propondo um modo novo de ler o ‘Tractatus’. (ver: Diamond, 1991a, 1991b; Conant, 1989). O princípio dessa interpretação é que devemos aplicar com total rigor o veredicto do ‘Tractatus’ (6.54), de que as proposições são absurdas. Desse modo, não podemos ver o Tractatus como tentativa de desenvolver conhecimentos a respeito da linguagem lógica, ou então, da natureza da realidade. Devemos vê-las literalmente como absurdas. Na nova leitura, o objetivo do Tractatus é essencialmente terapêutico” (CHILD, p. 84, 2013). Entretanto não há consenso, e sim novas tensões como: “Se as proposições do ‘Tractatus’ são absurdas como uma fileira de palavras, como funciona o processo terapêutico?” (CHILD, p. 85). Por fim, evidencializa-se que não existe um consenso entre os interpretes da obra tractarianiana nesse aspecto.

obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 279). As proposições científicas respondem ao que é próprio do mundo factual, deixando margem as questões existenciais. As proposições não exprimem nada de mais alto (WITTGENSTEIN, 2010, p. 275), quer dizer, os dilemas e o próprio sentido da vida não se denota no mundo, pois, estão fora do mundo. Tudo que está relacionado a existência humana no que tange aos problemas, sentidos e dilemas, só pode ser mostrado, nunca dito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo discorrer acerca do que pode ser dito com clareza e de modo significativo, a partir do único livro publicado em vida por Ludwig Wittgenstein, o “*Tractatus Logicus Philosophicus*”. Esse livro, apesar de ser sintético, é considerado complexo, destarte o próprio autor alerta para esta dificuldade de compreensão no prefácio da respectiva obra (WITTGENSTEIN, 2010, p. 131).

Diante disso, na primeira parte foi apresentado a compreensão ontológica, especificando brevemente os conceitos e a estrutura da realidade. Em seguida, na segunda parte, apresentou-se a estrutura da linguagem, bem como a teoria figurativa. Por fim, na terceira parte, buscou-se esclarecer os limites do que pode ser dito, conquanto, evidencializa-se também aquilo que para Wittgenstein é o mais importante.

O mundo é a totalidade dos fatos, os quais são estados de coisas existentes. Os estados de coisas, por sua vez, são concatenações de objetos. A linguagem é a totalidade das proposições, as quais são divididas em complexas e elementares. As proposições elementares se referem aos fatos, sendo elas constituídas pela concatenação de nomes. O que possibilita a linguagem afigurar o mundo é a forma lógica que ambas possuem. As proposições consideradas genuínas são as científicas, as quais representam os fatos efetivos.

O que está para além do que pode ser dito é o que causou e causa muitos dos “problemas” existentes ao longo da tradição filosófica, os quais para Wittgenstein não são mais do que pseudoproblemas. Entretanto, o que ultrapassa a dimensão do dizível não deve ser eliminado, tanto porque, são as coisas mais importantes. Portanto, o “*Tractatus*” é considerado como uma escada pela qual depois de percorrer seus degraus almeja-se o que está para além do próprio.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Cícero Antônio Cavalcante. A ontologia tractatiana. **Revista de filosofia**, Belo Horizonte: v. 41, n. 130, 2014, p. 217-238. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2963/3102>>. Acesso em: 20 de abr. 2019.

CHILD, William. **Wittgenstein**: Introdução. Tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2013.

BRÍGIDO, Edimar; VALLE, Bortolo. **Wittgenstein a ética e a constituição do gênio**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

FERREIRA, Rafael dos Reis. **Sobre o significado da função proposicional no Tractatos de Wittgenstein**. 2016, 288 p. Tese de doutorado. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GRAYLING, Anthony Chifford. **Wittgenstein**: Introdução. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Layola, 2002. (Coleção Mestres do Pensar)

OLIVEIRA, Manfredo de. A semântica de Wittgenstein 1: Teoria da afiguração. In: _____. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3 ed. São Paulo: Edições Layola, 2006. p. 93-114.

STEGMÜLLER, Wolfgang. Ludwig Wittgenstein. In: _____. **A filosofia contemporânea**: Introdução crítica. Tradução de Adaury Fiorotti e Edwino Royer. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 373-486.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução e apresentação de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

_____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução e apresentação de José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

ZUBEM, Aluizio Miranda Von. As concepções Ontológicas de Wittgenstein e Leibniz. p. 27-77. In: _____. **Leibniz, Frege e o Tractatus de Wittgenstein**: Da dificuldade de notação à transcendentalidade da lógica. 2018. 288 p. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.